

2.ª REVISÃO DO PLANO DIRETOR MUNICIPAL DE VALONGO

RELATÓRIO DE CARATERIZAÇÃO

10. SISTEMA URBANO CONCELHIO

julho de 2019

ÍNDICE

10.1 INTERDEPENDÊNCIAS TERRITORIAIS E SISTEMAS RELACIONAIS	3
10.1.1 Freguesia de Alfena	3
10.1.2 União de freguesias de Campo-Sobrado	5
10.1.3 Freguesia de Ermesinde	10
10.1.4 Freguesia de Valongo	12
10.1.5 Concelho	13
10.2 ESTRUTURA URBANA DO CONCELHO	18
10.2.1 Elementos Estruturadores do Território	19
10.2.2 Estrutura do Povoamento	20
10.2.4 Tipos de povoamentos	23
10.2.3 “Formas” da Cidade – Tecidos Urbanos	25
10.2.4 Leitura Morfológica	29
10.3 SÍNTESE DAS RELAÇÕES ESPACIAIS INTRACONCELHIAS	33

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 10.1	TOP 3 dos destinos para fora dos municípios de origem, em 2017, na AMP	14
Quadro 10.2	TOP 3 dos destinos para fora dos municípios de origem, por motivo de trabalho, em 2017, na AMP	15
Quadro 10.3	TOP 3 dos destinos para fora dos municípios de origem, por motivo de estudo, em 2017, na AMP	16
Quadro 10.4	TOP 3 dos destinos para fora dos municípios de origem, por motivo de compras/lazer, em 2017, na AMP	17

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 10.1.	Destinos das Viagens com Origem em Alfena (Excetuando de regresso a casa)	4
Figura 10.2.	Origens das Viagens com Destino em Alfena (Excetuando de regresso a casa)	4
Figura 10.3.	Destinos das Viagens com Origem em Campo (Excetuando de regresso a casa)	6
Figura 10.4.	Origens das Viagens com Destino em Campo (Excetuando de regresso a casa)	6
Figura 10.5.	Destinos das Viagens com Origem em Sobrado (Excetuando de regresso a casa)	9
Figura 10.6.	Origens das Viagens com Destino em Sobrado (Excetuando de regresso a casa)	9
Figura 10.7.	Destinos das Viagens com Origem em Ermesinde (Excetuando de regresso a casa)	10
Figura 10.8.	Origens das Viagens com Destino em Ermesinde (Excetuando de regresso a casa)	10
Figura 10.9.	Destinos das Viagens com Origem em Valongo (Excetuando de regresso a casa)	13
Figura 10.10.	Origens das Viagens com Destino em Valongo (Excetuando de regresso a casa)	13
Figura 10.11.	Elementos estruturantes	20
Figura 10.12.	Quadro 1: Valores de referência para tipos de aglomerados	21
Figura 10.14.	Densidades e Níveis de concentração/dispersão	23
Figura 10.15.	Exemplos dos tecidos (imagens Google Earth)	27
Figura 10.16.	Tecidos Urbanos	29

10. SISTEMA URBANO CONCELHIO

10.1 INTERDEPENDÊNCIAS TERRITORIAIS E SISTEMAS RELACIONAIS

O concelho de Valongo situa-se na extremidade oriental da Área Metropolitana do Porto, fazendo fronteira com os concelhos de Gondomar, Maia, Santo Tirso, Paredes (todos pertencentes à AMP) e Paços de Ferreira (NUT III – Tâmega e Sousa). Trata-se, por isso, de um concelho de transição e com uma posição central relativa às duas regiões, pelo que as interdependências territoriais são bastante diferentes de freguesia para freguesia, até porque todas elas fazem fronteira com municípios vizinhos. Para conhecer melhor as especificidades de cada freguesia optou-se por dividir a análise em 5 secções correspondentes às freguesias de Valongo e uma outra secção que sintetiza as interdependências de todo o concelho.

Para elaborar este estudo recorreu-se ao Inquérito Geral à Mobilidade (INE, 2000) ponderado com os dados do Recenseamento Geral à População de 2001 (INE, 2001). Como estes dados são relativos ao início da década, é reservada uma secção no final para análise da possível evolução das tendências aqui retratadas.

O Inquérito Geral à Mobilidade, efetuado em 33 concelhos da Região Norte, tem uma amostra representativa ao nível da freguesia para os concelhos da NUT III – Grande Porto e para o concelho de Braga e ao nível do concelho para o restante território. Deste modo, as interdependências de Valongo, que se manifestam quer ao nível do Grande Porto quer ao nível de outros concelhos vizinhos são analisados a diferentes escalas consoante o grau de detalhe possível com os dados de origem.

10.1.1 Freguesia de Alfena

A Freguesia de Alfena, situada na extremidade Norte do concelho, faz fronteira com as freguesias de Folgosa (Maia) e Água Longa (Santo Tirso) para além de Ermesinde e Valongo.

Tal como seria supor e, como ficará explícito ao longo deste texto, a maioria das viagens com início em Alfena têm como destino a mesma freguesia. Esta freguesia tem igualmente uma forte ligação com Ermesinde em termos de viagens geradas, já que o mesmo não acontece em termos de atracção de viagens (Existem mais de 2000 viagens de Alfena para Ermesinde e apenas

cerca de 400 em sentido contrário, excluindo sempre as viagens de regresso a casa). Curiosamente a terceira freguesia para onde se viaja mais é Paranhos no Porto, surgindo logo a seguir a sede do concelho.

Em termos de atracção, Alfena não é considerada um grande pólo capaz de atrair muitas viagens. Para além das cerca de 400 viagens com origem em Ermesinde, Alfena atrai na ordem das 300 viagens diárias com partida nas freguesias vizinhas de Folgosa e S. Pedro de Fins e no concelho de Paredes (onde não é possível dividir os dados por freguesia). Ao todo, existem mais 7 mil viagens com origem em Alfena do que com destino nesta freguesia.

Figura 10.1. Destinos das Viagens com Origem em Alfena (Excetuando de regresso a casa)

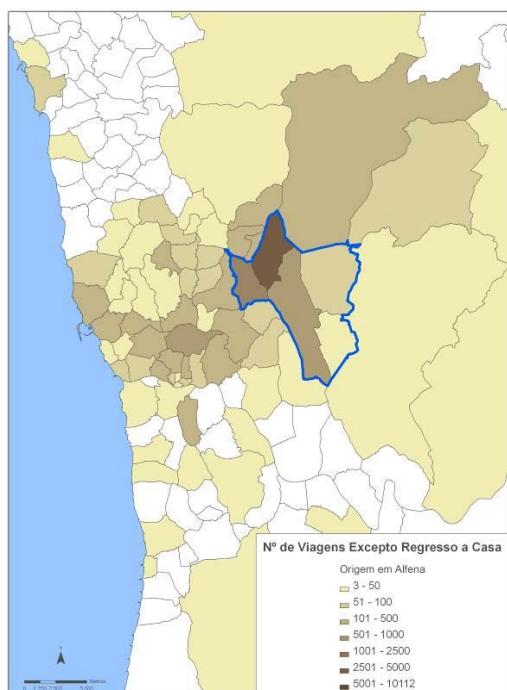
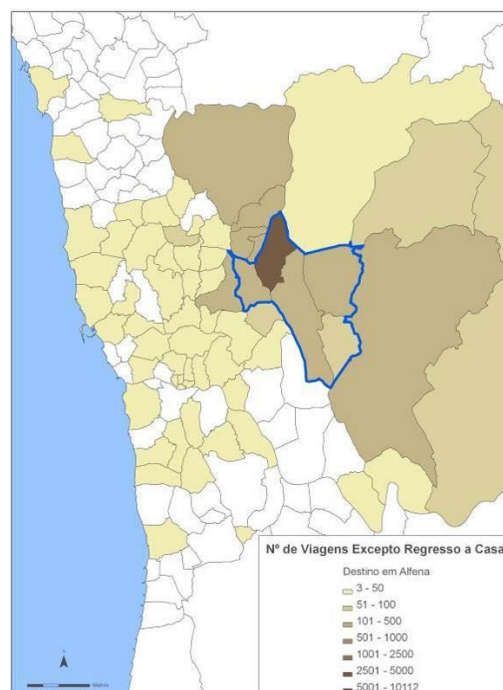


Figura 10.2. Origens das Viagens com Destino em Alfena (Excetuando de regresso a casa)



Em termos de viagens para o local de trabalho, o panorama é muito parecido, com Alfena e Ermesinde a destacarem-se seguidos de Paranhos e Valongo nos destinos de viagens provenientes desta freguesia e com o concelho de Paredes a seguir-se a Alfena em termos de principais origens.

As viagens para o local de estudo com origem em Alfena têm igualmente como destinos principais Ermesinde e Paranhos (influência clara do Pólo Universitário da Asprela) reduzindo-se ainda mais a influência da sede do concelho (situa-se em 10º lugar após diversas freguesias

do Porto e Maia e o concelho de Santo Tirso. A atracção de viagens para Alfena com este motivo é ainda mais reduzida, com um número residual de viagens provenientes de outras freguesias.

É no caso das viagens por motivo de saúde que a freguesia de Valongo assume alguma preponderância (2º lugar, após Alfena), obviamente ligada ao facto de se situar o Hospital do concelho. Uma vez mais Paranhos situa-se em terceiro lugar devido ao facto do Hospital de S. João e o Instituto Português de Oncologia se localizarem nessa freguesia. Alfena atrai um número residual de viagens por motivos de saúde para além das que são efetuadas pelos seus habitantes.

Finalmente, em termos de viagens por motivo de compras, os principais destinos são a própria freguesia, Ermesinde e Águas Santas (onde se situa o Centro Comercial de grandes dimensões mais próximo), o número de viagens para compras em Alfena com origem noutras freguesias é igualmente residual.

Em termos globais, será correto afirmar que a área de influência de Alfena é bastante reduzida, atraindo viagens em número bastante reduzido e sobretudo da freguesia vizinha de Ermesinde. Por outro lado encontra-se bastante dependente de Ermesinde, para onde se efetuam mais viagens interfreguesias. Curiosamente, Paranhos, no concelho do Porto atrai mais viagens do que a sede do concelho de Valongo, quer em termos de emprego quer em termos de estudo, destacando-se Valongo apenas como ligação forte em viagens por motivo de saúde.

10.1.2 União de freguesias de Campo-Sobrado

A presente análise é elaborada para cada uma das áreas geográficas que correspondiam às freguesias de Campo e de Sobrado anteriores à última reforma administrativa em Portugal.

10.1.2.1 Anterior freguesia de Campo

A área correspondente à anterior freguesia de Campo situa-se na extremidade sudeste do concelho de Valongo, faz fronteira com Sobrado e Valongo neste concelho e com as freguesias de Gandra e Recarei no concelho de Paredes.

Em contraste com o que acontece na Freguesia de Alfena, Campo tem uma ligação bastante forte à sede do concelho, a freguesia de Valongo é a segunda freguesia para onde existem mais viagens com origem em Campo (na Ordem das 3800) e a segunda onde se realizam mais deslocações com destino em Campo (na ordem das 700). Tal como no resto do concelho a maioria das viagens são dentro da própria freguesia.

A ligação a Paredes é igualmente bastante forte, sobretudo nas viagens que partem de Campo (mais de 1500, ou seja, 9,3% de todas as viagens). Em sentido contrário, existem menos viagens (200), tendo Campo maior capacidade de atracção de viagens com origem na freguesia vizinha de Sobrado (quase 500). Tal como em Alfena o saldo entre viagens com origem em Campo e com destino em Campo pende claramente para este último trajeto, com quase o dobro das viagens.

Figura 10.3. Destinos das Viagens com Origem em Campo (Excetuando de regresso a casa)

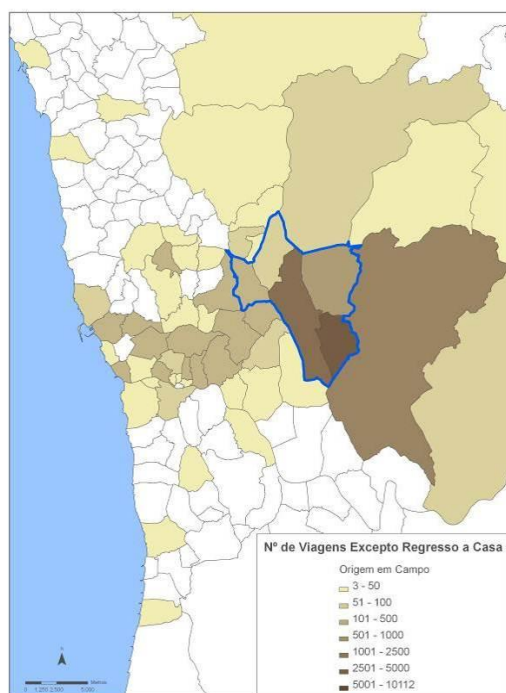
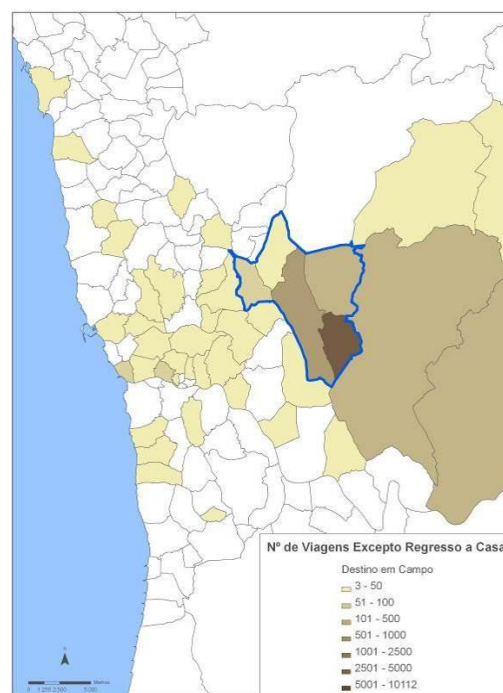


Figura 10.4. Origens das Viagens com Destino em Campo (Excetuando de regresso a casa)



No capítulo das viagens para o local de trabalho, o panorama é bastante semelhante, embora Valongo se aproxime bastante de Campo em termos de atracção de viagens com este motivo. A ligação a Paredes mantém-se e Sobrado é, após Valongo, a freguesia do concelho com uma interdependência mais forte com Campo. Quanto às freguesias mais ocidentais do concelho, Ermesinde situa-se em 6º lugar os destinos das viagens para o trabalho com origem em Campo

e em 16º nas origens, já Alfena situa-se, respetivamente, em 15º e 9º lugar. A capacidade de Campo para atrair viagens com motivo de emprego é bastante reduzida e excetuando as freguesias de Sobrado e Valongo, não há nenhuma outra que origine mais de 100 viagens.

Quanto às viagens para local de estudo, esta reduzida capacidade de atrair viagens ainda é mais visível, captando apenas viagens no interior da freguesia e cerca de 100 provenientes da sede do concelho, os restantes valores são residuais. Já quanto às saídas de Campo para estudar noutras áreas, a freguesia de Valongo com cerca de 450 e o concelho de Paredes com cerca de 140 são os locais que mais recebem estudantes.

No âmbito das viagens com motivo de saúde, a freguesia de Valongo atrai mais viagens que a própria freguesia de Campo, com cerca de 270 contra as cerca de 170 dentro da freguesia, segue-se Paranhos com cerca de 80 viagens. Campo não é destino de viagens com motivos de saúde, exceto as que se realizam dentro da freguesia e um valor residual para quem parte de Valongo.

As viagens por motivo de compras são feitas sobretudo para Valongo e dentro da própria freguesia, existindo poucas para outras freguesias do concelho, por outro lado, apenas atrai viagens com este motivo em número considerável, à exceção da própria freguesia, quando estas têm origem em Paredes.

Como nota final, de referir que, tal como Alfena, Campo é uma freguesia que não atrai muitas viagens e que estas partem sobretudo das freguesias vizinhas (à exceção de Valongo e Sobrado o número de viagens com destino a Campo dividido pelas diferentes origens é residual). As dependências mais fortes são da freguesia de Valongo, em todos os itens e do concelho vizinho de Paredes, sobretudo em termos de viagens para o trabalho.

10.1.2.2 Anterior freguesia de Sobrado

A área correspondente à anterior freguesia de Sobrado situa-se na extremidade nordeste do concelho de Valongo e faz fronteira com as freguesias de Campo e Valongo neste concelho, Agrela e Água Longa em Santo Tirso, Seroa em Paços de Ferreira e Lordelo, Rebordosa e Gandra em Paredes.

Será pleonástico referir que a maioria das viagens são dentro da freguesia, no entanto, verifica-se que nesta freguesia o peso das viagens para outros locais do concelho é consideravelmente superior ao que acontecia nos territórios analisados anteriormente. Dos cinco destinos mais comuns, quatro são as todas as freguesias do concelho à exceção de Alfena e com um especial destaque para Valongo. O destino que surge entre estas freguesias é o concelho de Paredes, para onde se fazem cerca de 1700 viagens. Há ainda outros destinos com alguma representatividade como Rio Tinto, Paranhos ou mesmo a própria freguesia de Alfena.

Quem se desloca para Sobrado, fá-lo geralmente a partir de Paredes (cerca de 2 mil viagens), seguindo-se Campo (na ordem das 800) e Valongo (cerca de 200). As restantes origens geram sempre menos de 100 viagens. As Figuras 10.7 e 10.8 apresentam a localização das origens e destinos das viagens.

À semelhança do que acontece em todas as outras freguesias, as viagens para o trabalho, por serem o tipo de viagem mais comum, têm os destinos e origens mais comuns semelhantes aos das viagens exceto regresso a casa. No caso de Sobrado esta semelhança ainda é mais visível, prevalecendo a importância do concelho de Paredes e de todas as freguesias de Valongo à exceção de Alfena nos destinos e de Ermesinde e Alfena nas origens.

Quanto às viagens com motivo de estudo, ninguém viaja para sobrado exceto os seus residentes. Já de Sobrado para o exterior, as pessoas viajam sobretudo para Valongo (quase 300), seguindo-se Paredes e Paranhos com valores próximos da meia centena.

Nas viagens por motivos de saúde repete-se o que acontece no caso anterior: ninguém viaja para Sobrado por motivos de saúde exceto os habitantes desta freguesia. Quanto aos destinos mais frequentes, o mais importante é a sede do concelho, seguindo-se a própria freguesia de Sobrado e, com menor expressão, Paranhos e Santo Ildefonso.

Sobrado não atrai igualmente muitas viagens por motivos de compras, já Valongo é a freguesia que atrai mais viagens com este motivo dos sobradenses.

Das freguesias analisadas até este ponto, Sobrado é claramente aquela que tem uma dependência mais forte do concelho a todos os níveis, sendo a sua ligação exterior mais evidente com o concelho de Paredes. Em termos de atracção de viagens, Sobrado ainda tem

uma capacidade bastante reduzida, se bem que ainda receba um número razoável de viagens provenientes de Paredes.

Figura 10.5. Destinos das Viagens com Origem em Sobrado (Excetuando de regresso a casa)

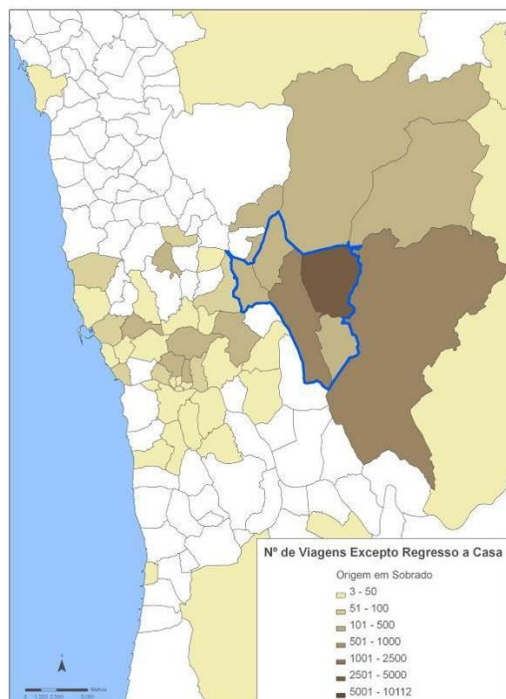
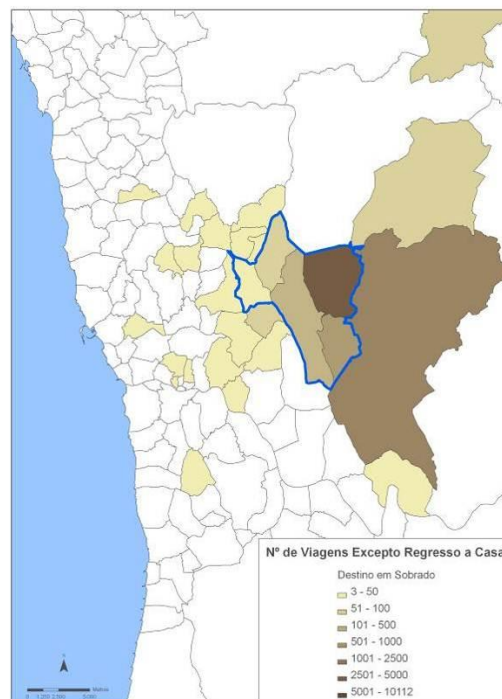


Figura 10.6. Origens das Viagens com Destino em Sobrado (Excetuando de regresso a casa)



Em termos de viagens para o trabalho, S. Pedro da Cova perde a preponderância que tinha na análise global, surgindo como quarto destino após Valongo (2867 viagens), Ermesinde (642) e Paredes (466). Os trabalhadores de Valongo são provenientes maioritariamente desta freguesia, seguindo-se Campo e Sobrado e também Paredes e Penafiel, concelhos por onde passam a A4 e a EN15, dois dos mais importantes eixos que passam pelo concelho.

O mesmo acontece nas viagens para locais de estudo em Valongo, logo após a própria freguesia, Campo e Sobrado surgem os concelhos de Paredes e Penafiel atraindo muito poucos estudantes de Alfena e Ermesinde. Os estudantes provenientes de Valongo que estudam fora da freguesia deslocam-se maioritariamente para São Pedro da Cova, Ermesinde e Paranhos.

As viagens por motivo de saúde com destino a esta freguesia são provenientes, uma vez mais, sobretudo de Campo e Sobrado, mas existe ainda um número de viagens próximo da centena com origem no concelho de Paredes, Fânzeres, Baguim do Monte, Ermesinde e Alfena.

10.1.3 Freguesia de Ermesinde

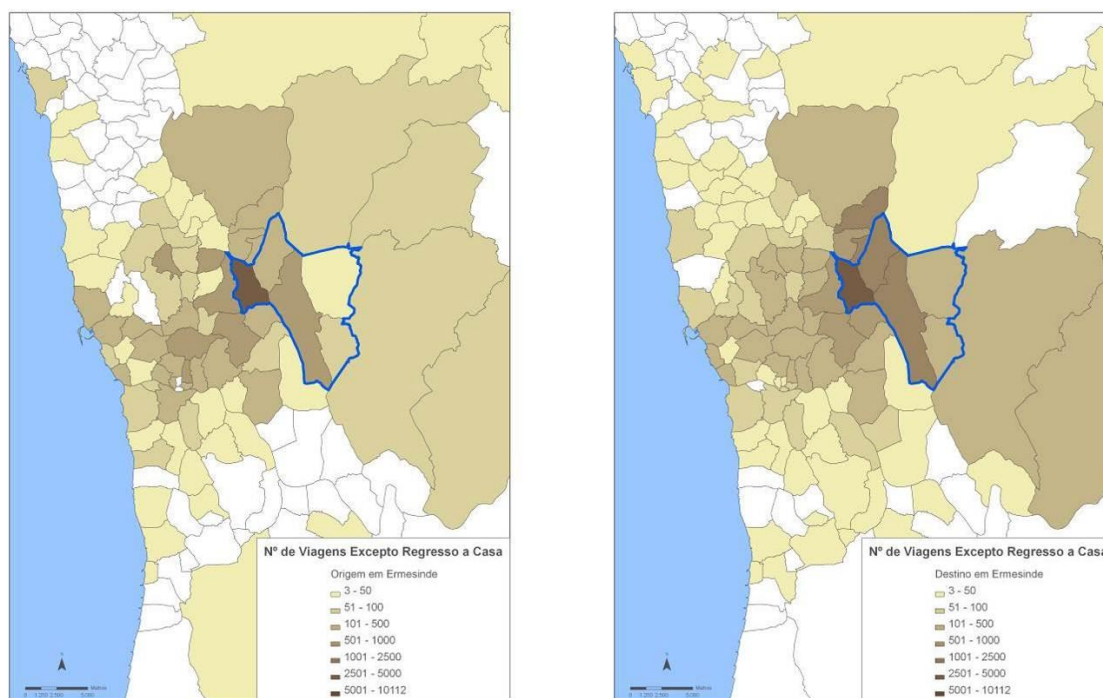
A freguesia de Ermesinde situa-se no limite poente do concelho e faz fronteira com Alfena e Valongo neste concelho, com Folgosa, S. Pedro de Fins, Silva Escura e Águas Santas no concelho da Maia e com Baguim do Monte e Rio Tinto no concelho de Gondomar.

Ao contrário do que acontece com as duas freguesias anteriores, Ermesinde tem uma capacidade de atracção bastante forte. Em termos do número total de viagens (excetuando as de regresso a casa), Ermesinde é onde se realizam mais viagens intrafreguesia do concelho (mais de 10100) e ponto de partida de um número considerável de trajetos com destino a Águas Santas na Maia (972), Paranhos no Porto (862), a sede do concelho de Valongo (812), Santo Ildefonso no Porto (670), a sede do concelho da Maia (664), Rio Tinto em Gondomar (634) e Nogueira da Maia (541), Ramalde (469) no Porto e Alfena também em Valongo (448) (Figura 1.5). Curiosamente, para além das que se realizam para as freguesias de Valongo e de Alfena, que correspondem ao 4º e 9º destino mais comum, respetivamente, a ligação com o restante território concelhio é muito ténue (Campo é o 37º e Sobrado 69º).

Em termos de viagens com destino a Ermesinde, para lá das mais de 10 mil que se realizam dentro da própria freguesia, os pontos de partida mais comuns são as freguesias de Alfena e Valongo com 2382 e 1157, respetivamente. Seguem-se três freguesias maiatas, Folgosa com 1056, Águas Santas com 943 e S. Pedro de Fins com 658 e as freguesias que constituem a cidade de Rio Tinto, ou seja a homónima e Baguim do Monte (535 e 610), só depois surgem Campo e Sobrado com cerca de 400 viagens cada uma (Figura 10.8).

Figura 10.7. Destinos das Viagens com Origem em Ermesinde (Excetuando de regresso a casa)

Figura 10.8. Origens das Viagens com Destino em Ermesinde (Excetuando de regresso a casa)



Ao nível das viagens para o trabalho, depois de Ermesinde, Paranhos é o destino mais comum com cerca de 400 viagens, seguindo-se Rio Tinto, Ramalde e Nogueira da Maia. Valongo surge em 6º lugar com pouco mais de 250 viagens, Alfena em 10º com 225. As restantes freguesias do concelho praticamente não recebem viagens por motivo de trabalho. Em sentido contrário, surgem nas quatro origens mais comuns todas as freguesias do concelho à exceção de Campo (que é a 6ª), a mais distante geograficamente. A mais comum é Ermesinde, seguindo-se Alfena, Valongo e Sobrado. As freguesias exteriores a Valongo de onde partem mais viagens com este motivo são Águas Santas, Fânzeres e Baguim do Monte, todas na casa das 200 viagens.

Os estudantes de Ermesinde viajam para o seu local de estudo quase exclusivamente dentro da freguesia, sendo que cerca de 100 viajam para Paranhos, 74 para Santo Ildefonso e cerca de 60 para a sede do concelho. A capacidade de atracção de estudantes é considerável atraindo estudantes de Alfena, Folgosa, Águas Santas e Valongo.

As viagens por motivo de saúde fazem-se na sua maioria dentro do concelho (perto de 200, numa divisão de 60% para Ermesinde e 40% para Valongo) seguindo-se Águas Santas e quatro freguesias portuenses.

As viagens por motivos de compras são feitas sobretudo dentro da freguesia seguindo-se, com alguma dimensão, Águas Santas onde se situa uma grande superfície comercial mesmo junto à

fronteira com Ermesinde e em Nogueira da Maia. Para além das viagens dentro da freguesia, Ermesinde atrai viagens provenientes de Alfena, das freguesias maiatas de Folgosa e S. Pedro de Fins e da sede do concelho.

Em suma, Ermesinde é uma freguesia com diversas interdependências territoriais. Por um lado atrai bastantes viagens de outras freguesias do concelho, sobretudo de Alfena e Valongo, tendo igualmente uma área de influência sobre o concelho da Maia e a cidade de Rio Tinto em Gondomar. Por outro lado, a sua dependência do resto do concelho é bastante reduzida e quase que se limita à freguesia de Valongo e num menor grau ao que acontece com o Porto (em grande medida), Rio Tinto e Maia.

10.1.4 Freguesia de Valongo

A freguesia de Valongo situa-se no centro do concelho com as freguesias de Alfena e Ermesinde a poente e as freguesias de Campo e Sobrado a nascente. A norte faz fronteira com a freguesia de Água Longa em Santo Tirso e a sul com Baguim do Monte, Fânzeres e S. Pedro da Cova em Gondomar e Aguiar de Sousa em Paredes.

A localização central desta freguesia faz com que tenha um número de viagens considerável para territórios bastante distintos. S. Pedro da Cova, em Gondomar surge após a própria freguesia como destino mais comum com quase 1800 viagens, seguindo-se, Ermesinde com quase 1200, o concelho de Paredes, com 850 e depois Campo, Santo Ildefonso e Rio Tinto, todos com mais de 500 viagens (Figura 10.9).

A capacidade de atracção viagens desta freguesia dentro do próprio concelho é muito superior à que tem sobre o exterior, sobretudo sobre Campo e Sobrado. Segue-se Paredes, Ermesinde e freguesias de Gondomar, como Baguim do Monte e Fânzeres (Figura 10.10).

Quanto ao comércio, em Valongo é capaz de atrair viagens que na sua maioria são provenientes da própria freguesia, seguindo-se, como habitual Campo e Sobrado. Baguim do Monte e Fânzeres são origens mais comuns do que Ermesinde ou Alfena. As viagens com início na sede do concelho e este motivo destinam-se sobretudo à própria freguesia seguindo-se S. Pedro da Cova e locais mais distantes como Santo Ildefonso ou Senhora da Hora, onde existem áreas de comércio de dimensão metropolitana.

Valongo, como sede do concelho, tem uma área de abrangência maior do que todas as outras freguesias à exceção de Ermesinde. Atrai viagens de todo o concelho, mas tem claramente uma maior influência sobre o território situado a nascente, quer ao nível das freguesias do concelho (Campo e Sobrado) quer ao nível dos concelhos vizinhos (Paredes e Penafiel).

Por outro lado, as suas dependências são distintas do que acontece na outra freguesia que gera mais viagens (Ermesinde), não existe uma ligação tão forte a freguesias do Porto ou da Maia mas sim a freguesias vizinhas de Gondomar, como S. Pedro da Cova. Dentro do concelho, a maior dependência é Ermesinde, existindo, curiosamente, mais viagens de Valongo para esta freguesia do que em sentido contrário.

Figura 10.9. Destinos das Viagens com Origem em Valongo (Excetuando de regresso a casa)

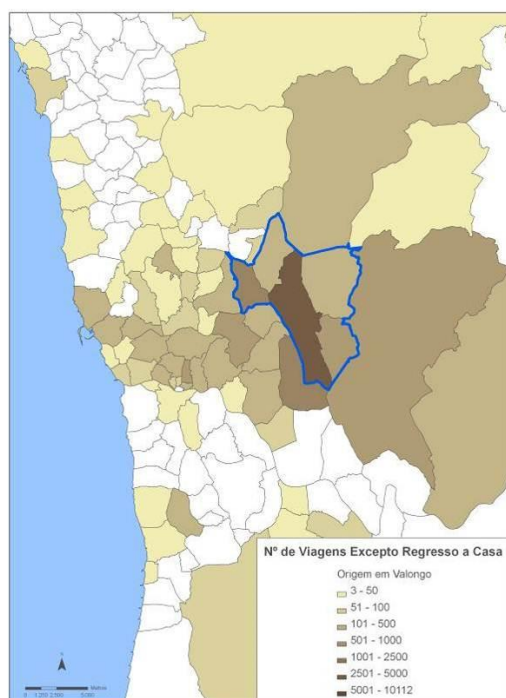
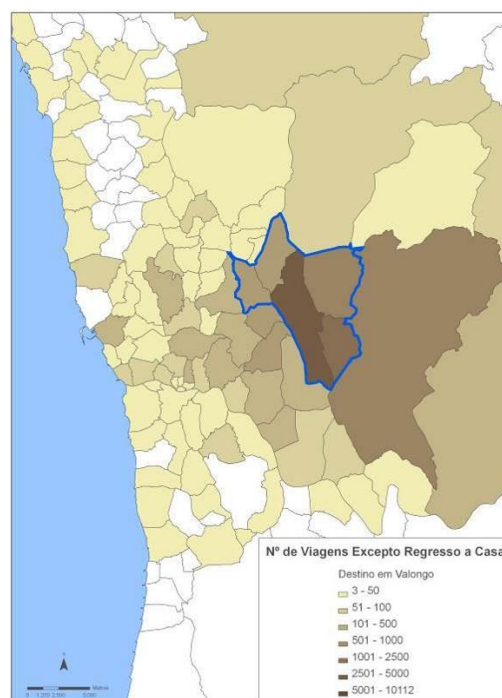


Figura 10.10. Origens das Viagens com Destino em Valongo (Excetuando de regresso a casa)



10.1.5 Concelho

Como seria de esperar após a análise freguesia a freguesia, mediante o Inquérito de 2000, elaborado pelo INE, a maior parte das viagens em Valongo são dentro do concelho. Contudo,

face à existência de novos dados ao nível concelhio, importa então abordá-los e equipará-los ao que existia à data de 2000.

Assim sendo, tendo por base o Inquérito de 2017, as viagens com destino a outros concelhos destinam-se principalmente ao Porto (a freguesia de Paranhos é a que atrai mais) mas também à Maia, a Gondomar e a Paredes, por ordem de representatividade – realidade que hoje em dia se mantem. Em sentido contrário, os principais concelhos são os mesmos mas a ordem é alterada, a Maia é o concelho de onde partem mais viagens seguindo-se Gondomar, Paredes e Porto. Paredes é o único destes concelhos de onde partem mais viagens do que as que aí se destinam com proveniência no concelho de Valongo.

Quadro 10.1 TOP 3 dos destinos para fora dos municípios de origem, em 2017, na AMP

Município de origem	1.º Município de destino		2.º Município de destino		3.º Município de destino	
	Designação	%	Designação	%	Designação	%
Arouca	Vale de Cambra	28	São João da Madeira	20,8	Santa Maria da Feira	20,5
Espinho	Vila Nova de Gaia	48,8	Santa Maria da Feira	27,1	Porto	12,5
Gondomar	Porto	49,3	Valongo	13,2	Matosinhos	12,8
Maia	Porto	44	Matosinhos	25,9	Valongo	8,6
Matosinhos	Porto	67,2	Maia	13	Vila Nova de Gaia	6,7
Oliveira de Azeméis	São João da Madeira	53,3	Vale de Cambra	20	Santa Maria da Feira	13,9
Paredes	Porto	37	Valongo	30,5	Maia	14,8
Porto	Matosinhos	37,4	Vila Nova de Gaia	21,3	Maia	13,1
Póvoa de Varzim	Vila do Conde	62,4	Porto	17,3	Matosinhos	12,3
Santa Maria da Feira	São João da Madeira	25,1	Vila Nova de Gaia	24,4	Espinho	19,5
Santo Tirso	Porto	33,6	Matosinhos	19,7	Valongo	18
São João da Madeira	Santa Maria da Feira	46,3	Oliveira de Azeméis	27,3	Espinho	6,7
Trofa	Maia	33	Porto	20,9	Vila do Conde	16,4
Vale de Cambra	Oliveira de Azeméis	55,8	Arouca	14,7	São João da Madeira	14,1
Valongo	Porto	32,2	Maia	28,2	Gondomar	10,8
Vila do Conde	Póvoa de Varzim	38,8	Matosinhos	19,2	Maia	18,5
Vila Nova de Gaia	Porto	57,7	Espinho	11,6	Santa Maria da Feira	6,4

Fonte: INE

O panorama é sensivelmente o mesmo nas viagens para o trabalho, embora Valongo passe a atrair mais viagens de Santo Tirso (28%) – tendo, inclusive, o maior fluxo de destino para

Valongo -, Paredes (26%) – sendo Valongo o 2.º município com maior fluxo de destino – e a Maia (8%) – sendo o 3.º município com maior volume de fluxo para Valongo.

Comparativamente ao que ocorrera em 2000, verifica-se que Gondomar deixa de ter grande impacto na dinâmica de fluxos de destino de trabalho para o município de Valongo.

Quadro 10.2 TOP 3 dos destinos para fora dos municípios de origem, por motivo de trabalho, em 2017, na AMP

Município de origem	1.º Município de destino		2.º Município de destino		3.º Município de destino	
	Designação	%	Designação	%	Designação	%
Arouca	Vale de Cambra	33,3	Santa Maria da Feira	24,4	São João da Madeira	14,7
Espinho	Vila Nova de Gaia	40	Santa Maria da Feira	28,6	Porto	19,8
Gondomar	Porto	46,2	Maia	12,7	Matosinhos	12,4
Maia	Porto	43,3	Matosinhos	28,7	Valongo	7,6
Matosinhos	Porto	60,5	Maia	16,7	Vila Nova de Gaia	7,6
Oliveira de Azeméis	São João da Madeira	56	Vale de Cambra	22,5	Santa Maria da Feira	9,3
Paredes	Porto	40,3	Valongo	25,7	Maia	16,3
Porto	Matosinhos	36,2	Maia	22,2	Vila Nova de Gaia	16,6
Póvoa de Varzim	Vila do Conde	66	Porto	20,6	Matosinhos	7,3
Santa Maria da Feira	São João da Madeira	32	Vila Nova de Gaia	19,6	Porto	18,1
Santo Tirso	Valongo	28,4	Trofa	25,4	Porto	20,8
São João da Madeira	Oliveira de Azeméis	48,2	Santa Maria da Feira	38,8	Vale de Cambra	4,5
Trofa	Maia	41,5	Porto	16,9	Vila do Conde	12,7
Vale de Cambra	Oliveira de Azeméis	61,2	Arouca	18,8	São João da Madeira	11,3
Valongo	Porto	37,8	Maia	28,5	Gondomar	11,9
Vila do Conde	Póvoa de Varzim	31,2	Maia	19,8	Matosinhos	16,7
Vila Nova de Gaia	Porto	64,5	Matosinhos	7,1	Santa Maria da Feira	6,8

Fonte: INE

O concelho atrai poucas viagens com motivo de estudo tendo como ponto de partida outros concelhos, ainda assim é de Gondomar que partem mais estudantes (12%), alterando a situação existente que existia em 2000, com a Maia a liderar neste indicador, através das freguesias mais próximas (Folgosa e Águas Santas). Contudo, a Maia passa a ter Valongo como o 3.º principal destino para os estudantes, mas com valores francamente reduzidos (4%), e Paredes apresenta

a mesma situação que Maia, em termos de posição hierárquica dos fluxos, mas com valores percentuais mais elevados (7%).

Os alunos que partem de Valongo para o exterior fazem-no sobretudo para o Porto (mais de 37% das viagens).

Quadro 10.3 TOP 3 dos destinos para fora dos municípios de origem, por motivo de estudo, em 2017, na AMP

Município de origem	1.º Município de destino		2.º Município de destino		3.º Município de destino	
	Designação	%	Designação	%	Designação	%
Arouca	São João da Madeira	52,2	Oliveira de Azeméis	37,9	Porto	10
Espinho	Porto	49,7	Santa Mª da Feira	41,2	Matosinhos	3,8
Gondomar	Porto	61,9	Valongo	11,7	Maia	9,5
Maia	Porto	73,2	Matosinhos	14,6	Valongo	3,9
Matosinhos	Porto	84,5	Maia	6,8	Vila Nova de Gaia	4,6
Oliveira de Azeméis	São João da Madeira	73	Vale de Cambra	16,5	Porto	7,5
Paredes	Porto	72,5	Maia	12,2	Valongo	7,2
Porto	Matosinhos	22,8	Vila Nova de Gaia	22,4	Santo Tirso	17,1
Póvoa de Varzim	Vila do Conde	59,8	Porto	33	Maia	6,4
Santa Maria da Feira	Vila Nova de Gaia	29,6	S. João da Madeira	24,6	Espinho	19,5
Santo Tirso	Porto	76,2	Trofa	23,1	Vila do Conde	0,7
São João da Madeira	Porto	37,8	Oliveira de Azeméis	29,4	Santa Mª da Feira	15,1
Trofa	Porto	49,7	Maia	26,9	Santo Tirso	17,7
Vale de Cambra	Santa Maria da Feira	37,3	S. João da Madeira	28,5	Porto	20
Valongo	Porto	37,3	Maia	20,9	Gondomar	13,1
Vila do Conde	Maia	38,4	Póvoa de Varzim	26,7	Porto	18,3
Vila Nova de Gaia	Porto	71,1	Espinho	12,8	Santa Mª da Feira	5,4

Fonte: INE

As viagens por motivo de comércio/lazer¹ fazem-se maioritariamente ao nível do concelho. A Maia é mesmo o concelho que mais viagens atrai (39%), à frente do Porto (20%). Estes resultados indicam que os valonguenses preferem fazer compras na grande superfície comercial vizinha, no comércio tradicional local e na baixa do Porto. Contudo, face a 2000 existe uma alteração, designadamente o facto de Vila Nova de Gaia tornar-se no 3.º município para onde

¹ O presente indicador foi abordado no Inquérito do INE de 2017, de forma agregada, e, portanto, os valores que outrora existiam relativamente às deslocações por motivos de viagens e de comércio passam a ser analisados como comércio/lazer.

os valonguenses efetuam as suas viagens de comércio/lazer. Isto, associado à existência de grandes superfícies comerciais, como também ao turismo balnear. Além disso, Valongo passa a ser atrativo para as gentes de Paredes, quando se aborda este indicador. Isto porque, 50% dos movimentos realizados, por parte dos paredenses, é com destino a Valongo. Outro facto importante de referir é a questão de Valongo ser a segunda opção dos gondomarenses para realizar as suas compras, tendo uma quota de movimentos na ordem dos 28%.

Quadro 10.4 TOP 3 dos destinos para fora dos municípios de origem, por motivo de compras/lazer, em 2017, na AMP

Município de origem	1.º Município de destino		2.º Município de destino		3.º Município de destino	
	Designação	%	Designação	%	Designação	%
Arouca	São João da Madeira	33,2	Oliveira de Azeméis	24,3	Vale de Cambra	21,4
Espinho	Vila Nova de Gaia	71,7	S. João da Madeira	14,7	Póvoa de Varzim	11,8
Gondomar	Porto	47,2	Valongo	27,7	Matosinhos	10,4
Maia	Porto	33,9	Matosinhos	29,9	Gondomar	13,7
Matosinhos	Porto	68,2	Maia	13	Vila Nova de Gaia	5,4
Oliveira de Azeméis	São João da Madeira	54,4	Vale de Cambra	28,9	Santa Mª da Feira	10,2
Paredes	Valongo	49,5	Porto	17,2	Maia	13,8
Porto	Matosinhos	50	Vila Nova de Gaia	18,7	Gondomar	13,3
Póvoa de Varzim	Vila do Conde	62,7	Matosinhos	26,1	Porto	10,5
Santa Maria da Feira	Vila Nova de Gaia	28,1	Espinho	24,1	S. João da Madeira	19,3
Santo Tirso	Matosinhos	43,9	Porto	26,9	Trofa	11
São João da Madeira	Santa Maria da Feira	48,3	Espinho	28,1	Oliveira de Azeméis	9,1
Trofa	Maia	33,6	Vila do Conde	26,6	Porto	18,5
Vale de Cambra	Oliveira de Azeméis	50,4	S. João da Madeira	30	Santa Mª da Feira	8,2
Valongo	Maia	39,4	Porto	19,9	Vila Nova de Gaia	13,1
Vila do Conde	Póvoa de Varzim	40,2	Matosinhos	26,4	Maia	23,1
Vila Nova de Gaia	Porto	53,1	Espinho	14,2	Vila do Conde	6,6

Fonte: INE

Em modo de síntese, o concelho de Valongo tem ligações fortes sobretudo com quatro concelhos, Maia, Gondomar, Paredes e Porto. No caso dos dois primeiros é uma relação bidirecional, tendo esses dois concelhos maiores capacidades de atracção do que Valongo. Já com Paredes, a relação é igualmente bidirecional mas Valongo parece ser mais polarizador. Por

fim, o Porto atrai uma quantidade significativa de viagens com origem em Valongo pelos mais diversos motivos e Valongo não parece ter qualquer poder de atração sobre este concelho.

10.2 ESTRUTURA URBANA DO CONCELHO

No presente ponto, procura-se caracterizar a estrutura urbana atual, partindo da compreensão da morfologia urbana concelhia, processos de urbanização instalados e respetivas dinâmicas e vivências, no sentido de antever os fatores de natureza urbana essenciais e secundários que orientarão as estratégias, ações e medidas de ordenamento a propor no PDM revisto.

Uma vez que a legibilidade do fenómeno urbano municipal necessita de uma abordagem temporal e a diferentes escalas (conjuntamente com demais estudos sectoriais), a presente análise organiza-se a quatro níveis:

- 1.º Passa pela caracterização dos elementos estruturadores da organização do território municipal – estrutura verde, estrutura viária e ferroviária, centralidades, símbolos – que não só condicionam as dinâmicas de localização urbana como se apresentam como o “fio condutor” que torna perceptível a cidade alargada, no seu todo e nas suas diversas partes;
- 2.º Passa pela caracterização dos diversos tipos de povoamento existentes, resultantes de padrões de desenvolvimento históricos, recentes e em curso (densificação, expansão, dispersão, etc.) responsáveis pela formação da morfologia urbana e pelo confronto incontornável da continuidade/dispersão na cidade alargada atual;
- 3.º Passa pela caracterização dos tecidos urbanos (das formas da cidade), procurando compreender a diversidade morfológica existente assim como os fatores geradores da complexidade, das carências e da vivência atual no território urbanizado;
- 4.º Como síntese desta abordagem, avança-se com uma proposta de “valoração da regulação urbanística”², através do confronto entre áreas com mais ou menos dinâmica de transformação urbana e áreas com mais ou menos condições de transformação

² Metodologia abordada em SÁ, Manuel Fernandes de, DOMINGUES, Álvaro *et al* (2000), “Área Metropolitana do Porto – Estrutura Territorial, o Presente e o Futuro”, Junta Metropolitana do Porto, Centro de Estudos da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

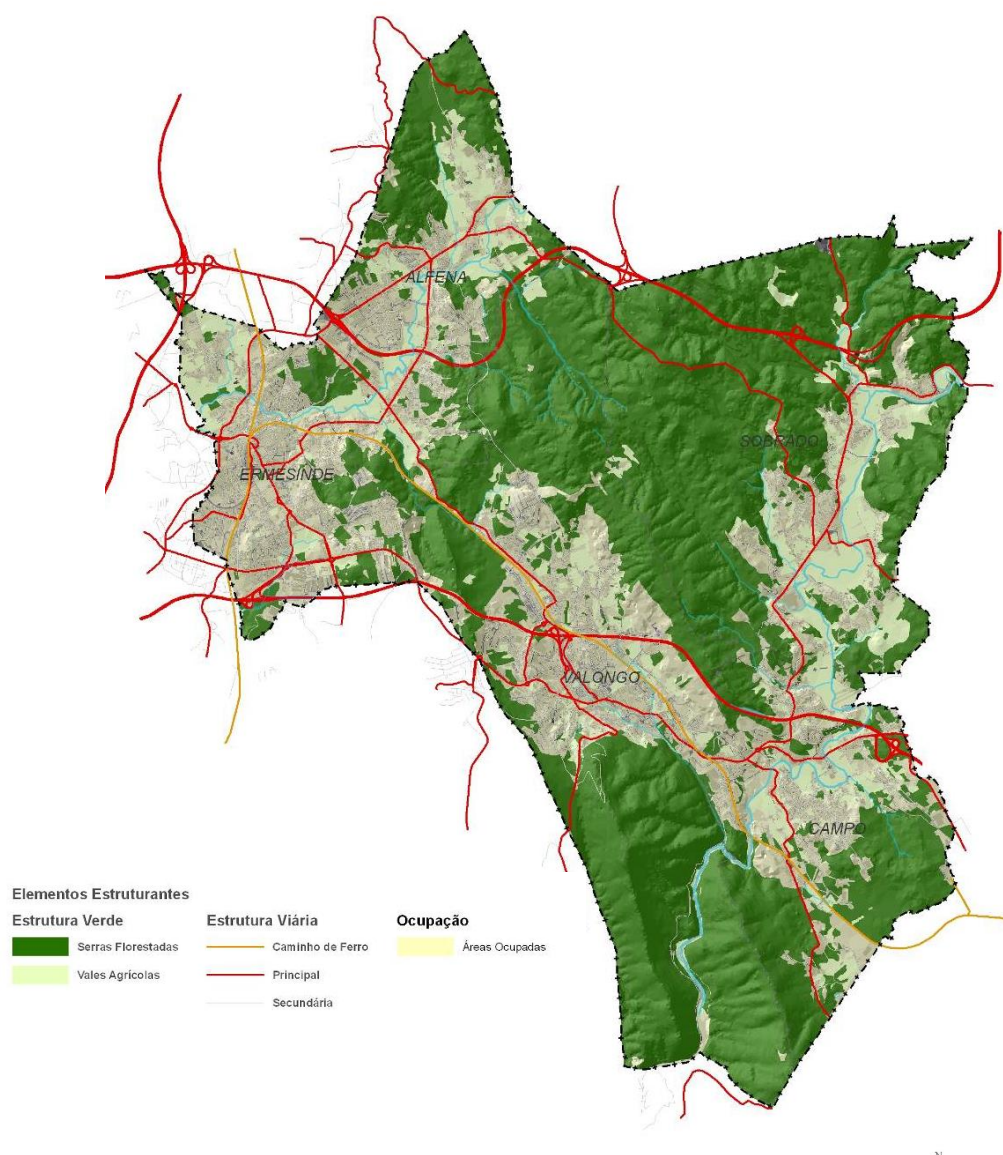
10.2.1 Elementos Estruturadores do Território

O território municipal suporta desde logo alguns elementos que estruturam e garantem a coesão funcional interna, nomeadamente:

- a) Uma Estrutura Verde, composta por elevações florestadas que conformam vales atravessados pelos principais cursos de água municipais (Rio Leça, Rio Ferreira e Rio Ferreira) onde se localizam, nas suas margens, as principais áreas agrícolas do concelho. Esta estrutura verde, não só tem um papel fundamental na formação da identidade territorial, ao nível patrimonial e da paisagem, como condiciona a localização e organização dos povoamentos locais por formarem barreiras morfológicas naturais (e económicas).
- b) Uma Estrutura Viária, nomeadamente no que se refere às estradas mais importantes – Autoestradas e ligações históricas à cidade do Porto – cuja construção em muitos casos condicionaram a localização das principais concentrações atuais e áreas industrializadas (Alfena, Ermesinde e na antiga freguesia de Sobrado, por exemplo). No entanto, ao papel proeminente positivo que esta estrutura desempenha na construção da coesão física e funcional e dinâmicas urbanas contemporâneas, convirá não esquecer que as Autoestradas constituem barreiras físicas à continuidade territorial, como é o caso da A4 na cidade de Valongo;
- c) Uma Rede ferroviária, que à semelhança da Estrutura Viária tem aspetos positivos na formação e crescimento de concentrações urbanas (caso da cidade de Ermesinde), mas que também ela “divide” o território;
- d) Um conjunto de centralidades e concentrações industriais, de maior ou menor importância municipal e local, que revelam o carácter policêntrico do território e uma dependência das aglomerações mais pequenas nas cidades de Valongo e Ermesinde.

Neste panorama torna-se claro uma organização do território em dois grandes aglomerados – o aglomerado Ermesinde-Alfena, a norte do concelho, e o aglomerado Valongo-Campo-Sobrado, a sul – que acompanham os principais cursos de água e respetivas áreas agrícolas, envolvidos pelas áreas florestais (serras) e articulados por um conjunto de acessibilidades que atravessam estas últimas.

Figura 10.11. Elementos estruturantes



10.2.2 Estrutura do Povoamento

Na análise à estrutura do povoamento considerou-se como objeto de estudo o que se denominou de *cidade alargada*, ou seja: o conjunto de todas as áreas municipais onde se manifestam fatores da condição urbana (culturais, sociais, físicos, etc.). Mais concretamente, na *cidade* em estudo inclui-se não só a cidade mais perceptível do ponto de vista tradicional, da continuidade de edifícios, lotes e infraestruturas urbanas – *cidade contínua* – como também a da ocupação difusa ou periurbana, onde a mistura de usos urbanos, agrícolas e florestais se fazem sentir – *cidade dispersa*.

A importância da *cidade dispersa* nesta análise justifica-se logo á partida nos baixos valores do INE (BGRI) sobre densidades urbanas concelhias (média de _ hab/ha) apresentando um panorama onde os níveis periurbanos são significativos (_ % do território abaixo de _ hab/ha).

Figura 10.12. Quadro 1: Valores de referência para tipos de aglomerados

Níveis de densidade Para $c_{eq} = 20m^2/hab$ ou $60m^2/hab$ (incluindo as áreas de “verde” urbano)	db hab./ha	Db fogos/ha	ib (max.)	ht (max.)	ac (max.)	Dimensão média dos fogos (m ²)
Em meio urbano	≤ 2,5	≤ 1,0	≤ 0,025	1 a 2	90	pequenos ≤100 médios: >100 e ≤200 grandes: >200 e ≤400
Para-urbano de baixa densidade	2,5 a 5	1 a 1,7	0,025 a 0,06	2 a 3	60 a 90	>150 m ² e ≤180
Para-urbano de alta densidade	5 a 10	1,7 a 3,5	0,025 a 0,06	2 a 3	60 a 90	>150 m ² e ≤180
Para-urbano a urbana de muito baixa densidade	10 a 20	3,5 a 7	0,045 a 0,20	2 a 3	40 a 60	>120m ² e ≤180m ²
Urbana de baixa densidade	20 a 40	7 a 14	0,045 a 0,20	2 a 3	40 a 60	>120m ² e ≤180m ²
Urbana de média/baixa densidade	40 a 80	14 a 27	0,18 a 0,52	3 a 4	30 a 45	≤120m ²
Urbana de média densidade	80 a 120	27 a 40	0,18 a 0,52	4 a 5	30 a 45	≤120m ²
Urbana de média/alta densidade	120 a 160	40 a 53	0,50 a 0,65	5 a 6	30 a 45	≤120m ²
Urbana de alta densidade	160 a 195	53 a 65	≥ 0,60	6 a 8	≤ 35	≤ 120m ²

Legenda: db = Densidade populacional bruta = população (P)/ Superfície bruta (Sb); Db = Densidade habitacional bruta = número de fogos (F)/ Superfície bruta (Sb); ib = Índice de utilização bruto = área de construção (ΣAj)/ Superfície bruta (Sb); ht = Altura total da construção; ac = Área coberta por habitante = área de construção para a habitação (ΣAjh)/ população (P)

Fonte: Normas Urbanísticas, Vol II

No entanto, como se verificou não só os aglomerados existentes se cingem a áreas específicas do território (os vales), apenas com exceções em algumas áreas urbanas de Valongo, de Alfena e de Sobrado (que se estendem para cotas mais elevadas das Serras), como uma percentagem significativa das subsecções estatísticas na periferia dos aglomerados existentes ainda inclui, juntamente com grandes manchas rurais, muitas áreas que foram entretanto ocupadas (quinta da Lousa, por exemplo). Perante este facto, num esforço para melhor delimitar e simplificar a análise, ao conjunto de aglomerados urbanos confrontaram-se os níveis de compactação urbana existentes no concelho, mais densos, de mais fácil caracterização, aplicando os seguintes parâmetros às edificações:

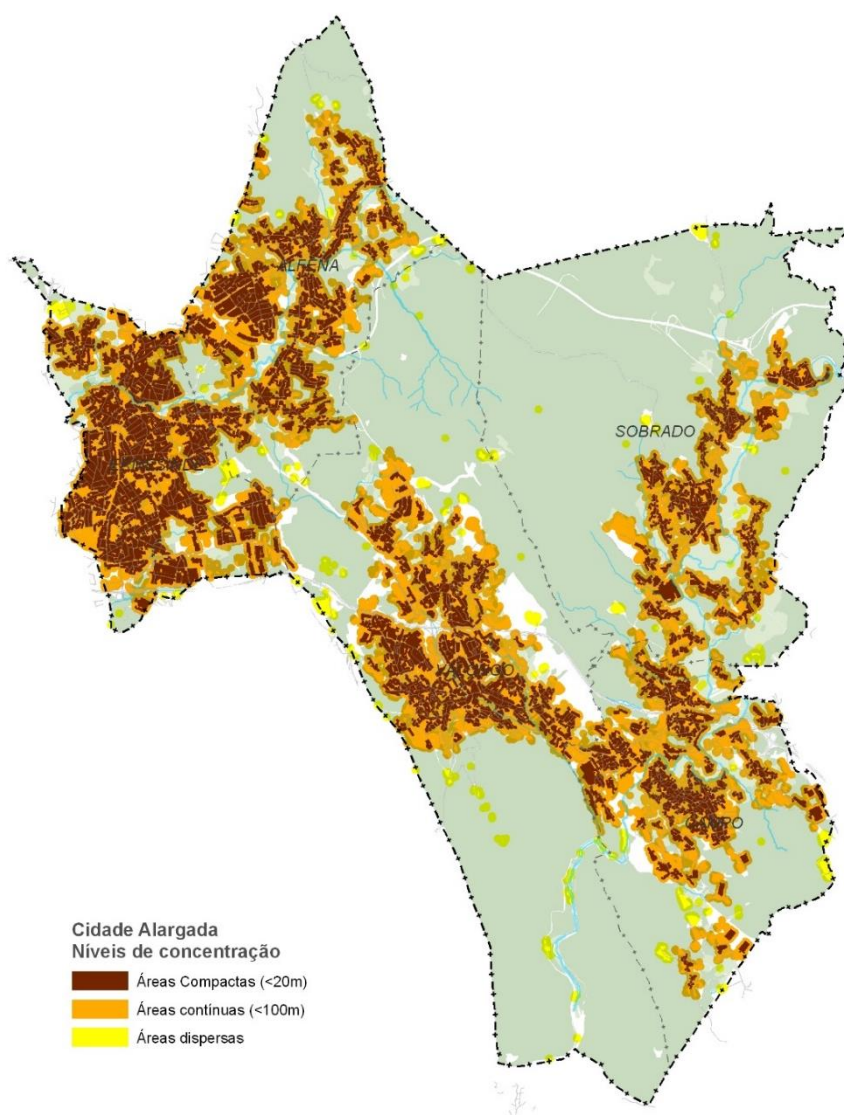
- Considerou-se que se está em presença de áreas urbanas compactas quando a distância entre edifícios não é superior a 20 metros (buffer de 10m);
- Considerou-se que se está em presença de áreas urbanas contínuas quando a distância entre edifícios não é superior a 100 metros (buffer de 50m);
- Considerou-se que se está em presença de áreas urbanas dispersas quando os edifícios ou conjuntos edificados não se enquadram em nenhum dos parâmetros anteriores;

De notar que, quando retirado de cada um dos dois primeiros níveis pequenas aglomerações (áreas edificadas com menos de 10 edifícios), o resultado final dá-nos uma imagem da dimensão continuidade/dispersão existente no território (Figura 10.13). Verifica-se então que:

- As áreas compactas distribuem-se por fragmentos em “mancha de óleo” por todo o território, tendo o seu maior significado nas cidades de Ermesinde, Valongo e Alfena;
- Praticamente toda a área dos dois grandes aglomerados (Ermesinde-Alfena e Valongo-Campo-Sobrado) apresenta-se como uma “mancha de óleo” de áreas contínuas. A exceção acontece em Sobrado onde um aglomerado contínuo aparece separado da restante mancha;
- As áreas isoladas representam uma percentagem pouco significativa neste panorama, apresentando as maiores manchas nas freguesias de Campo e Sobrado, associadas quase sempre a ocupações industriais e pequenos aglomerados rurais (Campo e Sobrado).

Da relação entre as densidades no território e a forma como a ocupação se distribui no território urbanizado a cidade alargada inclui significativas áreas urbanas contínuas de muito baixa densidade urbana (ou, noutra perspetiva, áreas periurbanas de alta densidade). Perante este cenário, se existem argumentos objetivos que recomendam que a dinâmica da dispersão seja contrariada, onde ela já existe (como é o caso) e onde tal não seja possível, é necessário que seja ordenada, minimizando custos e problemas.

Figura 10.14. Densidades e Níveis de concentração/dispersão



10.2.4 Tipos de povoamentos

O processo de urbanização do concelho de Valongo, à semelhança do que aconteceu na AMP, resultou de dinâmicas de ocupação do solo relacionadas com as necessidades e comportamentos dos agentes transformadores do território e reguladores do mercado.

De referir que a influência do planeamento urbanístico (PDM de Valongo, no caso) no redesenho dos padrões de povoamento preexistentes é relativamente diminuta, já que, de acordo com a espacialização dos alvarás de loteamentos fornecidos pela CMV, as pressões de

uso do solo à data da elaboração do PDM em vigor preexistiram a este plano.³ Neste sentido, o sistema de infraestruturas de mobilidade produziram, e continuam a produzir, efeitos significativos na regulação deste processo.

Interpretando esta estrutura que caracteriza o modelo de povoamento municipal, podem identificar-se, os seguintes padrões de desenvolvimento subjacentes à lógica do processo de urbanização concelhia entre 1974 e 2006:⁴

- Urbanização compacta e estabilizada dos núcleos urbanos consolidados, associado à consolidação e densificação do que se poderiam chamar de cidade convencional à data, onde se observa uma imagem claramente urbana e um uso contínuo do solo, incide sobretudo na cidade de Ermesinde e partes da cidade de Valongo;
- Urbanização linear ao longo dos eixos de ligação intermunicipal à cidade do Porto;
- Urbanização extensiva dos aglomerados urbanos ou de núcleos suburbanos, associado às áreas contíguas às áreas anteriores que foram (e estão a ser) urbanizadas (infraestruturadas e edificadas) nos anos 70, 80 e 90, dando sequência ao contínuo urbano;
- Nucleações compactas e periféricas da cidade convencional, que evoluíram com base numa densificação de núcleos de génese antiga (rural);
- Urbanização de baixa e muito baixa densidade, de mistura de usos agrícola, florestal e edificação, incluindo pequenos aglomerados anteriores à década de 70, e crescentemente ocupadas com construções e pequenas urbanizações dispersas.

Estes padrões, espacializados, caracterizam um sistema de povoamento onde se destaca:

- a) O lento processo de colmatagem das áreas centrais e uma expansão para lá da cidade tradicional sem que se tivesse densificado as suas áreas centrais;
- b) Um tecido construído que se prolonga, de forma mais ou menos contínua para lugares contíguos com formas e densidades claramente relevantes, cuja cêrcea não é elevada.

Sintetizando, de uma forma geral estes padrões conformam, um território tendencialmente confuso marcado por oscilações de densidade num panorama geral de baixa densidade e

³ Sobre este assunto ver Dinâmicas Territoriais.

⁴ A definição deste período decorre da cartografia disponível (à escala municipal).

tendência para o policentrismo, no qual formas, usos e estatutos (individual e coletivo) tomam manifestações muito diversificadas.

A complexidade e singularidade do sistema de povoamento em causa necessitam de um aprofundamento ao nível da análise e descrição dos tecidos urbanos que o caracterizam.

10.2.3 “Formas” da Cidade – Tecidos Urbanos

A significativa complexidade e heterogeneidade existente no sistema de povoamento existente obrigou a um conhecimento da realidade, com frequentes visitas ao local e com a aplicação de uma metodologia de análise que elegeisse os indicadores que traduzem e sistematizam as características das diversas formas.

Não obstante a todos os elementos serem suscetíveis de mutação, para o estudo das formas considerou-se que a análise crítica deveria inicialmente incidir nos elementos urbanos mais “resistentes” à mudança:⁵ aos elementos de transformação que compõem as estruturas urbanas isoladamente (edifícios, vias e parcelas); e aos conjuntos formados por esses elementos, as estruturas urbanas propriamente ditas (tecidos). Neste sentido, a identificação das diversas “formas” da cidade foi feita no pressuposto que os tecidos urbanos são estruturas que se definem como resultado de combinações formais e processuais entre edifícios, vias e parcelas.

Como forma de diferenciação das características destes elementos utilizaram-se três critérios: forma, uso e estatuto (individual e coletivo, nomeadamente nos casos residenciais). Com base caracterização destes elementos e aplicação destes critérios foi então possível fazer uma síntese de formas, que apesar de compostas de diversidade, permitem a seguinte distinção (figuras 2.19):

- O tecido designado de Regular Misto é composto por áreas de concentração de edificação em quarteirão tradicional. Os seus edifícios, organizados em banda à face da rua, têm usos, morfologias e estatutos mistos e as parcelas, de dimensões pequenas e formas regulares, organizam logradouros privados no interior do quarteirão, possuem;

⁵ Referimo-nos aos elementos urbanos cuja mutação (demolições, reconstruções, etc., sejam individuais ou coletivas) exige processos de transformação urbana mais complexos.

- O tecido designado de Linear Misto identifica-se com base na construção linear ao longo das vias tradicionais. Os seus edifícios têm usos, morfologias e estatutos mistos, bastante diversificados tal como as dimensões e formas das suas parcelas. Incluem ser subdividido em dois tipos:
 - O Linear Misto tradicional. De composição e formação mais antiga, a sua unidade morfológica é-lhe atribuída pelo edificado de cêrcea baixa, organizado em banda contínua e implantados à face da rua;
 - O Linear Misto em “edifício montra”. De formação mais recente, a sua unidade morfológica é-lhe atribuída pela implantação recuada de edifícios, com formas variadas e usos mistos. Normalmente, as actividades não residenciais que se instalam neste tecido, “vivem” do tráfego de atravessamento;
- O tecido designado de Matriz Rural inclui a construção linear ao longo de vias sinuosas ou irregulares de matriz rural (caminhos vicinais e rurais). A densidade do construído é reduzida e a parcela, normalmente de maiores dimensões, assumem formas variadas. Este tecido subdivide-se em:
 - O tecido designado de Quinta (excluindo os grandes terrenos agrícolas que, para o presente estudo, se incluem em espaços rurais) onde sobressai a parcela de grandes dimensões na qual predomina o estatuto de residência unifamiliar;
 - O tecido designado de Casal constituindo o núcleo mínimo de base rural, onde se destaca um conjunto de parcelas de dimensões apreciáveis na qual predominam pequenas vias sinuosas e edifícios à face de predominantemente unifamiliares (muitos deles originalmente rurais);
 - O tecido designado de Aglomerado onde as parcelas tendem a ter dimensões menores, de formas irregulares e os edifícios são de morfologias, estatuto e usos residenciais e mistos.
 - O tecido designado de Casco Rural, caracteriza-se pelo tecido cuja relação entre edifícios, vias e parcelas nos reporta, no seu conjunto de base rural, ao passado. Inclui a construção linear ao longo de vias sinuosas ou irregulares, com uma

densidade do construído reduzida e a parcela, de maiores dimensões, assumem formas variadas onde ainda se verificam usos agrícolas.

- O tecido designado de Extensão Residencial é composto por áreas predominantemente residenciais de concentração/expansão em vias e malhas regulares. Este tecido subdivide-se em:
 - O tecido Extensão Residencial “Cidade Jardim” composto por edifícios uni funcionais soltos envolvidos por espaço verde (logradouro) com uma dimensão relativamente modesta e a forma regular da parcela são outra característica dominante;
 - O tecido Extensão Residencial “Cidade Modernista” composto por edifícios colectivos soltos envolvidos por espaço público ou colectivo e vias regulares.
- O tecido designado de Extensão Industrial é composto por áreas de concentração de edifícios industriais/armazenagem, em banda, envolvidos por espaço privado e vias regulares;
- O tecido designado por Atípicos é composto por edifícios de utilização excepcional e de morfologias variadas onde não existe qualquer tipo de actividade residencial (normalmente associado aos equipamentos, por exemplo).
- Designa-se de Estrutura Emergente o tecido em formação, composto fundamentalmente por uma via, que ainda não gerou suficiente estabilização de parcelas e edifícios, ou superfície expectante de dimensões consideráveis.

Figura 10.15. Exemplos dos tecidos (imagens Google Earth)



Regular Misto



Linear Misto - Tradicional



Linear Misto - "Edifício Montra"



Matriz Rural - Quintas e Casal



Matriz Rural: Aglomerado



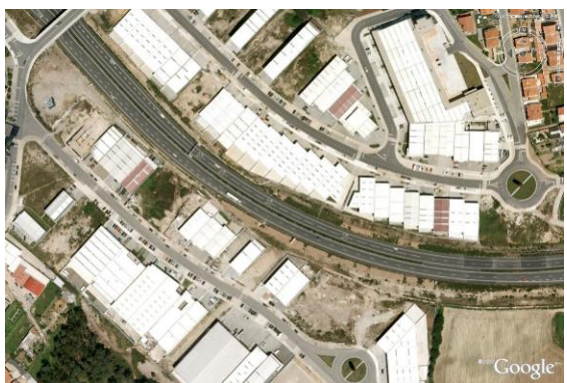
Matriz Rural - Casco Rural



Extensão Residencial - "Cidade Jardim"



Extensão Residencial - "Cidade Modernista"



Extensão Industrial

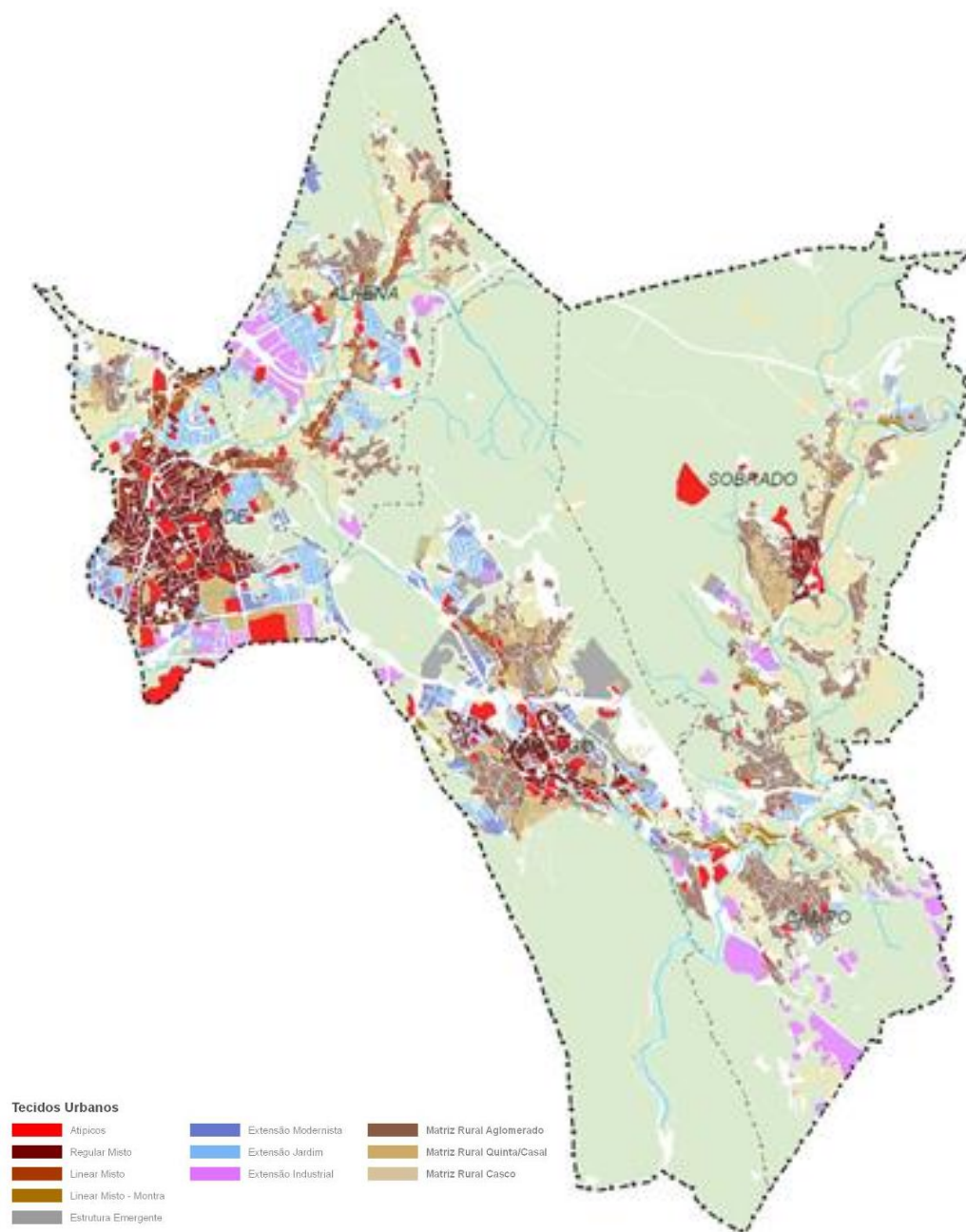


Estrutura Emergente

10.2.4 Leitura Morfológica

A espacialização dos Tecidos Urbanos identificados gerou uma carta complexa que se aproxima da natureza das formas que constituem e conformam a cidade alargada (figura 10.20).

Figura 10.16. Tecidos Urbanos



Da leitura a esta carta é possível destacam-se os seguintes aspetos:

- a) O tecido Regular Misto tem a sua maior expressão na cidade de Ermesinde, seguida da cidade de Valongo, uma vez que é onde se verificam as principais expansões, por continuidade, dos núcleos originais para as áreas ainda não consolidadas na dita cidade de 1974. Na sua generalidade, integra edifícios de cércea baixa numa malha pouco rígida e bastante fragmentada onde, na maioria dos casos, as ruas não são ortogonais entre si e os cruzamentos só muito raramente se fazem na ortogonalidade. Estas estruturas, muito consistentes, são fruto da estratégia (inquestionável à data) de abrir arruamentos retilíneos e das operações urbanas que os marginaram posteriormente (de carácter pontual e originários de cada uma das diferentes épocas). Estas estruturas denotam ainda uma capacidade de receber cargas urbanas e uma versatilidade de transformação interna muito boas, ainda mais quando se verificam uma quantidade significativa de áreas desocupadas por colmatar/consolidar.
- b) O tecido Linear Misto associa-se sobretudo ao longo das principais ligações entre as freguesias dos dois grandes aglomerados e municípios vizinhos: ao longo da EN 105 e EN 105a na ligação Ermesinde Alfena; ao longo da EN 105 na ligação Valongo-Campo e ao longo da EN 105a na ligação Valongo-Sobrado. A estas poderiam associar-se outras ligações de carácter mais local que atravessam a cidade (Ermesinde) e que ajudaram a conformar a estrutura urbana local. Relativamente às primeiras, estas permanecem até ao início da década de 60 do século passado sem qualquer substituto para a circulação intra e intermunicipais, sendo só a partir da década de 90 que se começam a consolidar alternativas (IP e IC). Paralelamente ao contributo para a circulação mais significativa, estas estruturas foram também alojando lentamente atividades mistas e residenciais ao longo do seu desenvolvimento longitudinal, que se foram implantando à face (e recuado) e nas traseiras das primeiras parcelas edificadas;

No que respeita ao subtipo Linear Misto tradicional, a dinâmica urbana destas estruturas têm vindo a ficar debilitada à medida que se foi deteriorando o padrão de desenvolvimento que lhe deu origem. Um dos exemplos é a proibição de atravessamentos nivelados nas linhas de caminho-de-ferro que a atravessa, fator que representa um “corte” no seu desenvolvimento longitudinal e faz emergir espaços urbanos “sem saída”, crescentemente abandonados e degradados. Face à quantidade e dimensão (pequena) de construções e

parcelas existentes, estas estruturas não apresentam condições para, por si só, contornarem a pouca apazibilidade imobiliária que impede que se renovem/revitalizem.

- c) O tecido Matriz Rural evidencia-nos uma outra característica e natureza do território municipal: a persistência legível da origem rural. Como foi referido, encontram-se quatro variantes neste tecido.

As quintas (herdades) e os casais destacam-se pela dimensão das parcelas pontuadas por edifícios isolados um pouco por todo o território urbanizado. São as sedes de propriedades que, ora deram lugar a loteamentos cuja solução urbana é condicionada por eles, ora subsistem de forma quase intacta com grandes espaços verdes. Neste último caso, ou são parcelas de terrenos no interior de áreas urbanas mais densas (Ermesinde e Valongo), resistentes ao processo de urbanização ou grandes propriedades espalhadas ao longo dos vales dos rios e associadas às áreas de cultivo adjacentes.

Mas são os Aglomerados que têm maior expressão. Trata-se de tecidos com uma estrutura de circulação de matriz rural e grau de miscigenação de usos e tipologias bastante variadas, que foram transformados da sua rede original muito fina e dispersa, por intervenções isoladas e urbanização de carácter informal, que além de o expandirem, lhe alteram os usos e morfologias, mantendo no entanto a matriz rural (física e social). Estas áreas urbanas constituem hoje, pontos de amarração ou consolidação de pequenas centralidades locais como é o caso do lugar da Retorta na Freguesia de Campo;

Relativamente ao tecido Casco Rural, tratam-se das áreas concentradas que ainda preservam o seu carácter original de muitos dos seus elementos originais, e sem grandes adulterações à morfologia original do conjunto. A identificação deste tecido, enquanto estrutura patrimonial complexa, de vias edifícios e parcelas, torna evidente uma atenta análise tipológica.⁶

- d) O tecido Extensão Residencial, particularmente visível nas freguesias de maior crescimento urbano no período 1974-2006 – Alfena, Ermesinde e Valongo – corresponde a formas urbanas recentes de urbanização extensiva contíguas aos tecidos Regular Misto e Linear

⁶ Ver capítulo Parque e Património Arquitetónico.

Misto, e, de uma forma menos marcada aos tecidos de Matriz Rural. Como foi referido encontram-se duas variantes:

- o O tecido Extensão Residencial “Cidade Jardim” que correspondem a ocupações próximas do modelo da Cidade-Jardim como foi já referido;
- o O tecido Extensão Residencial “Cidade Modernista” que correspondem a ocupações próximas do modelo da “Carta de Atenas”.

Estes modelos promovem, no entanto, formas de vida mais individualistas que as anteriores, uma vez que a rua e a praça, espaços tradicionais de vivência social por excelência, são pouco marcantes para o “desenho” urbano final. Por outro lado, estas estruturas resultam sobretudo de projetos de composição conjunta de parcelas e edifícios, favorecendo a paisagem e a legibilidade urbana (comparativamente ao Aglomerado de Matriz rural, por exemplo).

Neste tecidos, sobretudo na primeira variante, incluem-se outros conjuntos mais desqualificados, normalmente marcados pelas características do espaço já antes ocupado e de forte matriz rural como por exemplo: urbanizações informais de moradias (inclusive clandestinas) que criam um nível urbano de rarefação e dificultam a existência e a produção de infraestruturas; e, uma urbanização “linear rural” loteamentos lineares, sem criação de arruamento mas onde já existe suportes rurais.

- e) O tecido Extensão Industrial corresponde às Zonas Industriais existentes no concelho consolidadas (Alfena), em consolidação (Ermesinde) e emergentes (Campo) que se desenvolvem associados aos eixos tradicionais de ligação intra e supraconcelhia. No conjunto destas áreas, destaca-se a Zona Industrial de Alfena que, embora constitua um pólo económico significativo no concelho, produz impactos na vivência residencial vizinha que a envolve;
- f) O tecido Atípicos dissemina-se por todo o território urbanizado do concelho uma vez que inclui todas as estruturas às quais não se evidenciam características morfológicas comuns além do uso não residencial. Tratam-se das grandes superfícies de comércio, dos equipamentos e infraestruturas (ETAR, Subestações elétricas, etc.), de abastecimento de combustível, entre outros;

- g) O tecido Estrutura Emergente localizam-se normalmente em malhas de transição entre vias de circulação rápida e a rede local. A sua expressão no território é ainda significativa (sobretudo na freguesia de Valongo) pelo facto de ainda não constituir tecido estabilizado e estar dependente da decisão estratégica e de oportunidades que permitam e dinamizem a sua consolidação.

10.3 SÍNTESE DAS RELAÇÕES ESPACIAIS INTRACONCELHIAS

De uma forma global, o concelho de Valongo contém duas concentrações principais, as cidades de Ermesinde e de Valongo, de onde derivam e afluem as principais deslocações internas e externas para os territórios “satélites” de Alfena, Ermesinde, Campo e Sobrado. A nível interno, estas relações manifestam-se em dois grandes aglomerados ligados pelas principais acessibilidades- os grandes aglomerados municipais “Ermesinde-Alfena” e “Valongo-Campo-Sobrado” - e organizados ao longo ou em torno das margens dos seus rios principais. Por sua vez estes dois grandes aglomerados conectam-se um com o outro através de acessibilidades que atravessam as “barreiras” florestais (Serras) que as separam. Esta regra, da organização dos povoamentos associada às acessibilidades e às barreiras naturais é especialmente visível ao nível da imagem do território e nas relações entre os diversos tecidos urbanos. Em síntese, o conjunto de tecidos diferenciados permite perceber que a cidade alargada tem sido construída de forma fragmentada e sob diferentes modos, dos quais se salientam:

Os casos de colmatção/adensamento ligados às operações de densificação urbana – Regular Misto e o Aglomerado de Matriz Rural. O carácter sedimentar com que estes tecidos se foram construindo torna-os ricos e diversificados permitindo que se vão sucedendo transformações sem que haja uma total descaracterização da área circundante. No entanto, produzem-se muitas vezes confrontos com o existente, com maiores ou menores impactos, que ao acontecerem a sua integração pode ser polémica porque depende da escala, uso e alcance da mesma operação, que têm subjacentes critérios morfológicos que importa não negligenciar;

Os casos de expansão/formação de nova malha urbana, especialmente nos tecidos de Expansão, que vêm crescendo em importância no território em contrapartida à perda nas áreas mais tradicionais. Estão neste caso as operações de loteamento suportado num só arruamento

e as operações de loteamento com formação de malha que, pelas motivações urbanísticas estritamente particulares, produzem tecidos monótipo e monofuncionais fragmentados e em descontinuidade com a envolvente, dificultando a racionalização e coerência do espaço público (continuidade da malha). É importante que as questões de identidade sejam questionadas na integração dos velhos e novos elementos dos lugares em transformação.

Os casos de reabilitação/revitalização associados a intervenções muito variadas podendo assumir caracterizações morfológicas diversas. Este conceito não se refere apenas às transformações nos “cascos” mas também à capacidade de reorganizar tecidos que carecem de qualificação urbana como alguns dos que mencionamos antes (Linear Misto e Casco de Matriz Rural, por exemplo).

As intervenções catalíticas que despertam por polarização iniciativas adjacentes, podendo promover o aumento, complemento ou abrandamento de uma tendência (Hospital de Alfena, ou Continente em Valongo, por exemplo). Torna-se assim necessário ponderar os seus impactos (para o bem e para o mal) uma vez que estas operações assumem um potencial significativo no planeamento estratégico, devendo conduzir processos de regulação ou da criação de novas lógicas de expansão.